



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso

ANA PAULA ALVES DE SOUZA

**PRODUÇÃO DE CUIDADO E DE CONHECIMENTO NA PERSPECTIVA
INTERSECCIONAL: EXPERIÊNCIA DE UMA ESTUDANTE DE TERAPIA
OCUPACIONAL**

SÃO CARLOS

2024

ANA PAULA ALVES DE SOUZA

**PRODUÇÃO DE CUIDADO E DE CONHECIMENTO NA PERSPECTIVA
INTERSECCIONAL: EXPERIÊNCIA DE UMA ESTUDANTE DE TERAPIA
OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório à
obtenção do título de bacharel em Terapia
Ocupacional, sob orientação da Profa. Dra.
Martha Morais Minatel .

SÃO CARLOS

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, meu pai, meu irmão e meu companheiro que tanto me apoiaram durante toda a graduação, sem vocês jamais teria conseguido. Dedico também aos meus falecidos avós: Doracilia e Bazilio, sei que aonde quer que estejam, estão orgulhosos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a Deus por ter conduzido meu caminho até a graduação de Terapia Ocupacional e por todo o cuidado.

Aos meus pais, Maria e Edson, por tanto terem se esforçado e trabalhado incansavelmente para que eu pudesse realizar este sonho.

Ao meu irmão, Manoel, por sempre me apoiar e me fazer rir em meio às dificuldades.

Ao meu companheiro e parceiro de vida, Alexandre Jr., por sempre me fazer acreditar em mim mesma.

As minhas amigas de faculdade (T.Os Unidas) por terem tornado a caminhada mais leve.

A minha orientadora, Martha, por ter me dado a oportunidade de pesquisar e trabalhar com um tema que é tão importante e central na minha vida.

Por fim, a todos que de alguma forma estiveram presentes nesta jornada.

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta
com ela”

Angela Davis

RESUMO

Recentemente notam-se estudos que relacionam a Terapia Ocupacional e as suas práticas com a interseccionalidade. Desta maneira o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma estudante de graduação em Terapia Ocupacional no âmbito da assistência, pesquisa e cuidado com foco na interseccionalidade. Os dados e informações desse relato de experiência advém das práticas realizadas em um projeto de extensão chamado “Território do Cuidar” e de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada “O que dizem e fazem as crianças em seus cotidianos: problematizando e construindo culturas antirracistas na promoção de saúde mental”. Foram feitas reflexões a partir das experiências relatadas à luz dos referenciais metodológicos base do trabalho, sendo eles: a educação popular em saúde e a interseccionalidade. Percebemos que problematizar e entender marcadores sociais com as crianças é de extrema importância para se promover a saúde mental infantojuvenil, desenvolvendo a percepção de como esses marcadores se fazem presente em seus cotidianos. Como consideração final, enfatizo a importância do contato com as práticas de cuidado e pesquisa durante a graduação, através dessas é possível fazer relações teórico-práticas importantes para o desenvolvimento profissional e pessoal.

Palavras Chaves: Interseccionalidade, Cuidado, Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Recently, studies have been noted that relate Occupational Therapy and its practices with intersectionality. Therefore, the present work aims to report the experience of an undergraduate student in Occupational Therapy within the scope of assistance, research and care with a focus on intersectionality. The data and information in this experience report come from practices carried out in an extension project called “Território do Cuidar” and from a Scientific Initiation research entitled “What children say and do in their daily lives: problematizing and building anti-racist cultures in promoting mental health.” Reflections were made based on the experiences reported in light of the methodological references based on the work, namely: popular health education and intersectionality. We realize that problematizing and understanding social markers with children is extremely important to promote children's mental health, developing the perception of how these markers are present in their daily lives. As a final consideration, I emphasize the importance of contact with care and research practices during graduation, through which it is possible to make theoretical-practical relationships that are important for professional and personal development.

Keywords: Intersectionality, Care, Occupational Therapy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVO.....	12
3. METODOLOGIA.....	12
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	14
5. FINALIZANDO A EXPERIÊNCIA PARA OUTROS COMEÇOS QUE SE INICIAM.....	28
6. REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a World Federation of Occupational Therapists (WFOT, 2012), a Terapia Ocupacional é uma profissão com foco no cliente que promove a saúde e o bem-estar dos indivíduos através do uso das ocupações. A profissão abarca um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e no âmbito social, onde são reunidas as tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia de pessoas que, por razões ligadas à problemática específica (físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e ou sociais), apresentam dificuldades na inserção e na participação na vida social, sejam essas de caráter temporário ou definitivo (Universidade de São Paulo, 1997).

Segundo Galheigo (2020), o cotidiano se trata de um espaço-tempo onde o sujeito, seja ele individual ou coletivo, irá acessar recursos e oportunidades, enfrentar limites e desafios, tomar decisões, resistir e inventar modos de ser, estar, viver e fazer, além disso, o indivíduo dentro desses cotidianos deve ser compreendido em sua heterogeneidade, complexidade e diversidade. Tal perspectiva indica que, em suas práticas profissionais, o Terapeuta Ocupacional deve olhar para o sujeito e enxergá-lo como um todo, levando em consideração e analisando todos os aspectos que permeiam seus cotidianos, com isso, o cotidiano e todas as suas variadas nuances se tornam um importante ponto para ser pensado nas práticas terapêuticas ocupacionais.

Recentemente notam-se estudos que relacionam a Terapia Ocupacional e as suas práticas com a interseccionalidade, como por exemplo, os artigos: “Interseccionalidade: um conceito amefricano e diaspórico para a terapia ocupacional” e “Interseccionalidade: reflexões sobre as opressões de raça, classe, gênero e sexualidade a partir da perspectiva crítica decolonial em Terapia Ocupacional”. dos autores, Carla Regina e Leticia Ambrósio, “Efeitos combinados de gênero, raça e estressores ocupacionais na saúde mental.” das autoras, Camila Carvalho e Tânia Maria, “Nós, mulheres quilombolas, sabemos a dor uma da outra: uma investigação sobre sororidade e ocupação”, das autoras Amanda dos Santos, Maitê Allegretti e Lilian Magalhães, entre outros.

Collins (1990) e Crenshaw (1989) foram mulheres afro-americanas pioneiras em definir o conceito de interseccionalidade e defender o seu uso para analisar as formas de opressão patriarcais e racistas, dentro do contexto estadunidense. (Ambrosio, Silva, 2022).

Para Collins (1990), podemos entender a interseccionalidade como formas de opressão que se interligam, por exemplo, raça e gênero, e assim essas trabalham juntas para

produzir injustiças. A interseccionalidade é a compreensão de que existem diversos marcadores que podem caminhar simultaneamente e dessa forma, estes, impactam diretamente na vida e nos cotidianos dos sujeitos que “carregam” estes marcadores.

Collins (2021), diz que a interseccionalidade explora como as relações de poder interseccionais impactam nas experiências pessoais e individuais da vida cotidiana atingindo também as relações sociais, já como ferramenta de análise, a interseccionalidade leva em conta que os marcadores raça, classe, gênero, etnia, faixa etária, nacionalidade, entre outros, estão relacionados e organizados em conjunto, sendo assim a interseccionalidade é um meio de entender e explicitar a complexidade das pessoas e experiências humanas.

Ambrósio e Silva (2021), destacam a interseccionalidade como um meio para analisar as práticas profissionais, sendo um caminho para se reconhecer e enfrentar injustiças sociais ou ocupacionais, compreendendo a interdependência dos fatores base dessas injustiças. Partindo dessa interdependência, as autoras concluem que quando em suas práticas terapêuticas ocupacionais o profissional se atenta apenas para um dos fatores de opressão, este, contribui para a manutenção de um sistema opressor e não contribui para que esta estrutura opressora seja rompida.

A análise interseccional nos ajuda a compreender e atuar nos eixos de opressão, que são desencadeados pelos marcadores: raça, gênero, sexualidade, marcadores estes que integram a expressão e corporeidade das pessoas e coletivos (Ambrósio e Silva, 2022).

Segundo, Balanta-Cobo (2022), as práticas profissionais podem instrumentalizar a relação de intersecção entre os direitos humanos e sociais e entre as ocupações e o cotidiano.

Com tudo isso, é compreensível a importância de entender os sujeitos como um todo nas práticas terapêuticas ocupacionais, porém, não resta só analisar isoladamente na vida do sujeito os aspectos das ocupações e do cotidiano junto com seus marcadores, é necessário relacioná-los, para Collins (1990) uma opressão ou marcador não pode ser diminuído ou compreendido de forma individual, há quadros de opressão que se interligam e devem ser olhados conjuntamente.

Apesar de todas essas compreensões, Grandón (2017) destaca que a profissão ainda precisa desenvolver mais profundamente a noção de interseccionalidade entre os sujeitos e as suas ocupações e cotidianos, se baseando em aspectos de gênero, raça, classe, geração, território e muitos outros.

Considerando a importância de reconhecer e identificar os atravessamentos, a intersecção dos marcadores sociais da diferença na vida dos sujeitos e coletivos e sua ressonância na construção da vida cotidiana, importa um olhar mais detalhado para as

atividades que constituem esse cotidiano e reconhecer nelas a potência para trabalhar esses elementos e produzir a transformação dos processos de opressão e sua consequente emancipação.

As atividades cotidianas, também denominadas atividades humanas na Terapia Ocupacional, são entendidas como territórios de existência, subjetivos e particulares de cada indivíduo, seus locais de criação, expressão e de suas próprias formas de existir (Quarentei, 1999; 2001). Sendo construções sociais, históricas, relacionais e culturais, elas estão relacionadas com os cotidianos, os saberes, os fazeres e seus potenciais transformadores, são formas de produzir e existir (Furtado, 1991). A atividade dentro da Terapia Ocupacional está relacionada às ações, expressões e singularidades que os sujeitos praticam em seus cotidianos, bem como as suas subjetividades.

As atividades estão presentes no cotidiano dos seres humanos e implicam em tudo aquilo que a pessoa faz, o que, segundo Medeiros (2003), são resultado e meio de construção do próprio ser humano.

As atividades podem ser utilizadas de várias formas dentro da Terapia Ocupacional, de acordo com o Centro de especialidades em Terapia Ocupacional (CETO) as atividades são o elemento centralizador e orientador das práticas em Terapia Ocupacional (Benetton, 1994). As atividades dentro da Terapia Ocupacional podem ser utilizadas para tratar, educar, ensinar, organizar e incluir as pessoas de forma que elas estejam em um sistema que irá lhes garantir e permitir integrações e interações. (Benetton, 2008).

Dentro das atividades encontramos também o conceito de atividades afrorreferenciadas, este conceito, surge, como um novo olhar para as práticas decoloniais, onde o seu principal objetivo é o de repensar, recuperar e reestruturar as atividades que são significativas e tratam das singularidades das pessoas negras. (Costa et al., 2020, p. 736). Pensar em atividades afrorreferenciadas significa enegrecer as atividades humanas e valorizar a participação social a partir daquilo que faz sentido para esta população.

O Terapeuta Ocupacional, durante as suas ações de atuação promove a participação e consequentemente o envolvimento das pessoas nas atividades dos seus cotidianos que lhe são necessárias e que produzem bem-estar pessoal e satisfação (Pelosi, Ferreira, Nascimento, 2020). Essas atividades desenvolvem habilidades, experiências e capacidades, que auxiliam o sujeito no seu espaço/tempo cotidiano e na sua forma de viver, interagir, produzir e se relacionar.

Segundo Cardinalli et al. (2018), a Terapia Ocupacional quando inserida na potencialização da atividade humana de sujeitos e coletivos, junta sensibilidade e aspectos

críticos e se propõe de forma ética, política e cultural aos encontros e trocas de experiências, aos saberes e fazeres múltiplos para que dessa forma haja conjuntamente a produção de cuidado, conhecimento e sentidos, tentando sempre ser coerente com a realidade mesmo que isso possa ser um desafio.

Partindo desse panorama sobre o que é a interseccionalidade, sua relação com a Terapia Ocupacional e cotidiano, bem como a importância das atividades humanas dentro das práticas terapêuticas ocupacionais, esse trabalho se propõe a construir uma reflexão a partir da experiência vivenciada na graduação em Terapia Ocupacional tanto no contexto da assistência e cuidado como no contexto da pesquisa referente a essa temática. Nessa direção, o objeto desse trabalho é o relato da minha experiência, como graduanda em Terapia Ocupacional, na interface com a interseccionalidade, destacando os marcadores de classe social, raça e gênero.

2. OBJETIVO

Relatar e analisar a minha experiência durante a graduação em Terapia Ocupacional no âmbito da assistência, pesquisa e cuidado com foco na interseccionalidade.

3. METODOLOGIA

O objeto desta pesquisa será um relato de experiência. Segundo a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2017), um relato de experiência busca descrever de forma precisa experiências que de alguma forma contribuíram para a sua área de atuação, sejam elas positivas ou negativas, mas que contribuam com a troca, discussão e proposição de ideias.

De acordo com Bondía (2002), a experiência é aquilo que nos acontece, aquilo que nos passa, aquilo que nos toca. Dentro de uma graduação, neste caso, de Terapia Ocupacional, passamos e somos tocados por muitas coisas que acontecem em nossas práticas e vivências acadêmicas, sejam elas em projetos de extensão, em pesquisas de campo ou em aulas teóricas ou práticas. Essas experiências vivenciadas e sentidas nos permitem refletir e fazer relações teórico-práticas que contribuam com a nossa formação.

É importante dizer que apenas trazer uma informação, não se trata de experiência, para Bondía (2002), as informações muitas vezes não deixam lugar para experiência, no

mundo contemporâneo temos certa ênfase em estar informados, sendo sujeitos informantes e informados, como se o conhecimento fosse construído apenas em forma de informação não podendo ser outra coisa além de adquirir e processar as informações que nos são passadas.

Podemos entender que a experiência vai além de adquirir informações profissionais e repassá-las, se trata de um processo onde tudo aquilo que vivenciamos será analisado e visitado de forma a nos gerar reflexões e propostas de discussão.

Considerando então a experiência como algo que nos transpassa e transforma (Bondia, 2002) e o que o conhecimento não se constrói apenas no adquirir e passar de informações, neste relato, pretendo narrar e analisar aspectos que experienciei através das práticas de campo e pesquisa e como estas aconteceram, tocaram e contribuíram para a formação graduada em TO, sensível a uma prática racializada, atenta aos marcadores sociais da diferença, que vise a formação de terapeutas ocupacionais que produzam práticas numa perspectiva crítica e alinhadas com questões contemporâneas de compreensão dos sujeitos, suas atividades e produção de suas vidas e a transformação de realidades opressoras.

Produção dos dados

Antes de falar sobre os dados gostaria de falar quem sou eu: “Ana Paula Alves de Souza, mulher, negra, durante a escrita deste TCC com 26 anos, a primeira mulher a ingressar em uma universidade pública da família”.

Os dados e informações desse relato de experiência advém das práticas realizadas por mim em um projeto de extensão chamado “Território do Cuidar” e de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada “O que dizem e fazem as crianças em seus cotidianos: problematizando e construindo culturas antirracistas na promoção de saúde mental”, financiada pela FAPESP.

Os dados das atividades e encontros realizados no projeto Território do Cuidar foram armazenados no formato de diário de campo, cada encontro ou oficina realizada eram anotados, tanto o que havia acontecido como também as minhas percepções e aprendizados no formato de documento word online. Os dados da pesquisa de iniciação científica foram armazenados em formato de gravação de áudio, onde, cada encontro foi gravado e posteriormente transcrito, ao final dos encontros as transcrições foram analisadas para determinar quais foram os resultados da pesquisa bem como as suas contribuições, para este trabalho de conclusão de curso as transcrições foram analisadas como forma de analisar e entender tudo o que foi experienciado durante a construção da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O relato de experiência será narrado a partir de dois grandes eixos, sendo estes: atividades ligadas à extensão e atividades ligadas à pesquisa. Essas duas práticas foram construídas considerando o referencial da Educação Popular em Saúde e da interseccionalidade, na proposição tanto da promoção do cuidado como da produção de conhecimento com as pessoas, preocupada, ética e politicamente, com a transformação dos mecanismos de opressão que perpetuam os marcadores sociais de raça, geração, gênero, por exemplo.

Práticas de cuidado em Terapia Ocupacional

Para iniciarmos este tópico primeiro é necessário contextualizar como e onde ocorreram as práticas de cuidado. As práticas foram vivenciadas em um projeto de extensão de nome “Território do Cuidar”, este projeto ocorre em um bairro periférico da cidade de São Carlos-SP. A região onde o projeto ocorre conta com uma população estimada de cerca de 80 mil habitantes (IBGE, 2012) e é integrada por dez bairros. Essa região é a segunda maior em vulnerabilidade do município, segundo o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (Governo do Estado de São Paulo, 2010).

O Território do Cuidar nasceu da articulação da comunidade acadêmica com a comunidade periférica, em 2020, com o objetivo de fortalecer a organização popular e promover ações de prevenção e promoção de saúde de modo integral, para cumprir com o objetivo são realizadas tendas, rodas, oficinas e atividades de cuidado que são pautadas pela Educação Popular em Saúde e integra diferentes Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. As ações que são desenvolvidas acontecem em parceria com diversos grupos sendo eles: a Associação de Moradores, projetos sociais locais, unidades de saúde da atenção básica e escolas da região. Desde a sua concepção o projeto tem sido de extrema importância na articulação, extensão, ensino e pesquisa (Minatel et al., 2022; Luz, 2024).

A educação popular em saúde, é um referencial teórico e metodológico que embasa teoricamente, com conceitos, princípios, uma forma de compreender o mundo e os homens em sua relação e também nos fornece um modo de fazer, considerando a problematização, a relação dialógica e a amorosidade. Segundo informações do Ministério da Saúde (2007), é

um referencial que busca construir, fortalecer e dar voz aos saberes populares através do diálogo; proporciona espaços em que as pessoas podem participar ativamente com informações e saberes que estas carregam consigo e a partir disso, esses saberes podem ser fortalecidos e disseminados, criando redes de apoio e cuidado.

Particpei de oficinas e atividades voltadas para o público infantojuvenil, com crianças de 05 à 12 anos, estas oficinas e atividades tratavam de temas diversos, temas estes, que, permeavam os cotidianos das crianças do território em questão, como: o que é ser criança, sentimentos, emoções, racismo, negritude, violências, bullying, questões de gênero, dentre outros. Neste relato focarei em duas atividades que foram realizadas, em encontros distintos, sendo elas: atividade com o jogo “quem sou eu” com um grupo de crianças diverso (meninos e meninas; brancos(as) e negros (as) e de idades entre 06 e 12 anos) e a criação de um mapa corporal com um grupo de meninas com idades entre 09 e 12 anos, sendo estas brancas e negras.

1º Atividade: Jogo “quem sou eu”

A atividade do jogo “Quem sou eu” foi pensada a partir da análise de encontros que vinham ocorrendo no território do cuidar onde foi notado que um assunto era recorrente: o racismo, esse tema sempre estava atrelado a outros como: ao território (local esse em que as crianças vivenciavam e reproduziam o racismo), a classe econômica, ao gênero, a autoestima e muitos outros.

Para realizar o jogo, foram impressas imagens de personagens e famosos, sendo homens, mulheres, pessoas/personagens negros, brancos ou indígenas. O jogo funcionava da seguinte maneira: uma criança tinha uma imagem colocada na testa e as outras deviam dar características para que essa acertasse qual era o personagem/famoso. As crianças se voluntariaram para decidir quem teria os personagens colocados na testa e enquanto isso as outras iam uma de cada vez falando características do personagem em questão.

Imagem 01: Exemplos de personagens utilizados



Fonte imagem: <https://periferiaemmovimento.com.br/>



Fonte: Warner Bros Pictures



Fonte: Walt Disney Company

Fonte: Acervo pessoal de Souza, aluna extensionista, 2022.

O objetivo dessa atividade era o de entender como as crianças reagiriam a personagens de identidades raciais variadas e com isso proporcionar um diálogo reflexivo a partir dessas reações.

Imagem 02: “Explicando o jogo quem sou eu”



Fonte: Acervo pessoal de Souza, aluna extensionista, 2022.

A atividade como planejado trouxe em pauta o assunto: “racismo”, visto que com alguns personagens que possuíam a pele retinta e o cabelo crespo as crianças emitiam falas como: “esse cabelo é muito feio” ou “parece que esse personagem levou um choque”. Para entender a presença do racismo nas falas ditas pelas crianças partimos do ponto que o racismo é entendido como uma construção social e estrutural, que parte da desvalorização do negro e de tudo que envolve ser negro (Almeida, 2018). Portanto, ao emitir falas que desvalorizavam características físicas de personagens negros, essas crianças estavam reproduzindo o racismo estrutural presente nas construções sociais que permeiam o território ao qual elas vivem.

Quando essas falas surgiam as graduandas presentes iniciavam um processo de diálogo com as crianças, sobre o tema em questão, as guiando a pensar e refletir sobre como essas falas são racistas e em como devemos respeitar e entender as diferenças e características físicas presentes no outro.

Ao problematizar a perspectiva inicial trazida por elas, as crianças passavam a tomar consciência dos processos discriminatórios que estavam envolvidas e a partir daí surgiam reações variadas, algumas logo entendiam que estavam emitindo algum tipo de preconceito, outras questionavam de forma mais profunda o porque esse tipo de fala poderia ser considerada racista, outras ainda se recusavam a entender e a participar desse processo de diálogo.

Durante as conversas as próprias crianças participavam e acabavam se ajudando nesse processo de aprendizado e reflexão, trazendo experiências pessoais de como essas falas afetaram em algum momento da vida sua autoestima e trazendo a importância do respeito para com o próximo. De maneira geral, a participação das crianças ocorreu de forma satisfatória e trouxe para elas o aprendizado sobre como o racismo se faz presente de forma sutil através de falas e atitudes.

Olhando para os resultados produzidos com as crianças entendemos que a atividade possibilitou uma reflexão participativa às crianças, onde estes eram convidados a repensar e entender as entrelinhas do que haviam dito, onde, quando e como eles aprenderam aquilo que estavam dizendo e como eles podiam transformar esse saber que discrimina em respeito, cuidado e inclusão, promovendo uma transformação cultural, a partir de si, para seu entorno. As crianças se tornaram protagonistas desse processo, por conta de estarem o tempo inteiro participando dessa construção, isso, vai de encontro com aspectos da Educação Popular em Saúde, onde a mesma incentiva a participação social dos indivíduos nos processos de

aprendizagem para que assim se possa promover mudanças na vida cotidiana das pessoas (Ministério da Saúde, 2007).

Durante a realização da atividade outras falas surgiram levantando outros pontos como: a questão de gênero com a fala: “mulheres não são boas heroínas” ou a intersecção de raça e gênero com a seguinte fala: “meninas negras não podem ser princesas ou heroínas”. Todas essas falas também estavam relacionadas com as construções e aos ideais sociais aprendidos e reproduzidos.

Com esse panorama de como a atividade ocorreu e do que ela gerou nas crianças participantes, podemos partir para uma análise do que essa experiência trouxe de reflexões e de experiência profissional para a graduanda em questão, relacionando com a interseccionalidade, educação popular e Terapia Ocupacional.

Foi possível perceber que partindo de um tema (ou marcador), muitos outros eram trazidos e conectados demonstrando assim como a interseccionalidade se faz presente durante a prática de forma fluída, mas não só durante, pois até mesmo na concepção da atividade/jogo foi levado em conta e realizado um raciocínio de como os marcadores sociais nunca surgiam de forma isolada e sim a partir da intersecção de diversos fatores, como o território que essas crianças pertenciam, suas classes sociais e até mesmo a sua idade (geração), isso nos leva a pensar em como as nossas práticas são multifatoriais e como elas podem se tornar potência em si próprias.

Considerando o que Cardinalli et al. (2018) apresentam, de que a Terapia Ocupacional pode ser utilizada de forma a potencializar a atividade humana juntando sensibilidade e aspectos críticos; promovendo encontros que relacionam os múltiplos saberes e assim, dessa forma, há a produção de cuidado, conhecimento e sentidos, percebo que o encontro permitiu entender um pouco mais dessa potência, onde, a partir de uma atividade simples, através do jogo “quem sou eu”, e utilizando-se de uma ocupação presente no cotidiano das crianças, sendo essa o brincar, tivemos a possibilidade de trazer em pauta diversos assuntos que permeavam o dia a dia (cotidiano) daquelas crianças (racismo, preconceito, machismo) e de construir junto com elas um saber coletivo.

Um aspecto muito importante que me marcou durante a execução dessa atividade se deve ao fato da possibilidade ouvir as crianças, validar aquilo que elas carregavam de conhecimento em si próprias através das experiências de vida que elas tiveram. É necessário em nossas práticas entender que as crianças são protagonistas das suas próprias histórias, elas são socialmente ativas e agem como agentes de transformação em si e no mundo a sua volta (Moreira, Agostini, 2017). A Terapia Ocupacional junto da educação popular em saúde

proporciona através dos saberes populares e coletivos, construir a transformação dos territórios, ao permitir pelo fazer coletivo, a participação dos indivíduos que muitas vezes são esquecidos ou tem as suas experiências de vida invalidadas por uma sociedade carregada de estigmas e construções sociais que subjagam determinados grupos.

Essa atividade me permitiu enxergar e vivenciar a possibilidade de fazer uma Terapia Ocupacional que incluía pautas étnico-raciais durante seu planejamento, execução e finalização, visto que, essa se faz presente dentro dos mais variados contextos e cotidianos e não pode ser deixada de lado durante o raciocínio profissional, principalmente pelo fato de vivermos em uma sociedade estruturalmente racista e esses atravessamentos sociais afetam diretamente os grupos que muitas vezes vamos atuar durante as nossas práticas profissionais.

2º atividade: Mapa Corporal

A atividade do mapa corporal surgiu a partir de uma conversa com meninas de 09 a 12 anos onde estas relataram questões vivenciadas em seus cotidianos, mais especificamente no território ao qual elas pertenciam, que estavam relacionadas a elas serem meninas (relações de gênero).

Na conversa surgiram assuntos como: não posso ir a tal lugar porque sou menina, me proibiram de jogar bola com os meninos e ainda situações de assédio que elas presenciaram ou viveram. Com tudo isso sendo relatado, entendemos que seria interessante propor uma atividade para que as meninas pudessem se expressar e também convidar outras pessoas a refletirem com elas sobre as relações de gênero, presente nos cotidianos e no território. Junto com as meninas, escolhemos então, confeccionar um mapa corporal com as experiências trazidas.

O mapa foi iniciado partindo do ponto inicial: “o que ser menina impacta na sua vida cotidiana”, porém conforme a atividade foi desenrolando, através do diálogo em conjunto, muitas outras coisas foram surgindo no mapa como: dizeres contra o racismo, dizeres contra assédio, lugares do corpo que não podem ser tocados sem autorização, formas que elas podem buscar ajuda caso vivenciem ou presenciem situações como esta, formas que elas podem se empoderar e também características físicas de cada uma delas.

Após o mapa ser finalizado, o mesmo foi colocado em um lugar de grande circulação no espaço onde era realizado o projeto, como forma a convidar as pessoas que ali frequentam a refletir sobre o assunto. Foi possível ver várias crianças, adolescentes e adultos que

frequentavam o local parando para olhar o que estava escrito e também perguntando para as meninas que o fizeram o porquê dele estar ali e das coisas que foram colocadas nele.

Imagem 03. Confeção do Mapa Corporal.



Fonte: Acervo pessoal de Souza, aluna extensionista, 2022.

Durante a conversa e confecção do mapa foi perceptível o quanto as meninas precisavam de um espaço seguro onde pudessem falar e expor situações vivenciadas em seus cotidianos, pois muitas vezes essas eram caladas ou invalidadas quando tentavam tratar desses assuntos com adultos próximos. As meninas se sentiram acolhidas e tiveram suas vivências validadas, o que as ajudou a lidarem com a autoestima, a entenderem o que haviam passado e também a se posicionarem e enfrentarem situações como esta, que podem estar presentes nos mais variados contextos.

Entendemos que a saúde mental infantojuvenil é o resultado da relação entre os recursos e habilidades pessoais, fatores contextuais e determinantes sociais, que irão refletir no cotidiano os meios de participação, fruição, reconhecimento e enfrentamento dos desafios (FERNANDES, 2019), com isso, podemos entender que fornecer espaços como esse ajuda na promoção de saúde mental.

Foi interessante e gratificante ver também as meninas sendo protagonistas de todo o processo, escrevendo, desenhando e por vezes apenas nos contando tudo aquilo que muitas vezes elas haviam guardado, situações de racismo e assédio que viveram, formas de combater e procurar ajuda nesses casos, situações em que elas foram impedidas de fazer algo por serem meninas e também aspectos de autoestima, onde elas traziam características físicas que muitas vezes elas não gostavam em si próprias por causa de falas que elas ouviam no seu dia a dia.

A partir de um assunto inicial sendo esse: “assédio enfrentado no território”, muitos outros pontos foram sendo trazidos ao mapa corporal através do diálogo como: machismo, racismo, empoderamento, autoestima, cotidiano. Essa pluralidade de assuntos que surgem partindo de um ponto inicial nos leva a refletir mais uma vez sobre a interseccionalidade presente na atuação profissional do Terapeuta Ocupacional, visto que, nos cotidianos nada acontece de forma isolada e sim de forma plural, fluída e interconectada.

Resgatando o conceito de interseccionalidade, entendemos que este nos ensina que os marcadores sociais da diferença caminham juntos e não de forma isolada, e dessa forma estes marcadores impactam diretamente na vida dos sujeitos que os carregam (Collins, 1990). Essa atividade com o grupo de meninas deixou clara a necessidade de as práticas em Terapia Ocupacional serem pensadas a partir da interseccionalidade destes marcadores, entendendo como estes se fazem presentes nos cotidianos, visto que, por exemplo, nessa atividade, cada uma das meninas do grupo carregava uma história, uma vivência, algumas por serem meninas, algumas por serem meninas e negras, algumas por serem meninas e serem as irmãs mais velhas, apesar de todas elas terem um ponto em comum (ser menina), cada uma carregava suas próprias particularidades.

Entender os cotidianos e as suas dinâmicas plurais, se torna algo de extrema importância na atuação do Terapeuta Ocupacional, pois é nos cotidianos que ocorrem o ser e o viver, é onde o sujeito acessa recursos e oportunidades, enfrenta desafios, toma decisões, resiste, se inventa e reinventa (Galheigo 2020).

Podemos refletir também com a construção do mapa corporal sobre as atividades humanas e como essas podem ser uma forma potente de transformar as produções de vida e

os mundos; as atividades humanas envolvem os cotidianos e os seus desejos, seus saberes e fazeres, quando trabalhadas na Terapia Ocupacional elas se tornam oportunidades para experimentar e transformar (Cardinalli, et. al. 2018). Durante toda a atividade de confeccionar o mapa experimentamos o poder transformador do fazer humano ao potencializar as vozes dessas meninas, que poucas vezes tiveram essa oportunidade.

Compreender os cotidianos, as ocupações e o uso das atividades dentro da Terapia Ocupacional bem como a intersecção dos marcadores sociais, pode nos ajudar a pensar em uma Terapia Ocupacional que possa colaborar para a ampliação de direitos, participação social e representatividade (Ambrosio, 2020). A atividade do mapa corporal trouxe em pauta a discussão de gênero, a racial, a territorial e a geracional, mas, indo para além disso, ela trouxe um local onde essas meninas puderem ser protagonistas e construtoras de mudanças e de cuidado uma com as outras, a partir daquilo que elas já haviam experienciado e vivido.

Isto nos leva mais uma vez à educação popular em saúde, sendo essa visivelmente presente durante as práticas aqui mencionadas, onde foi buscado a construção do cuidado e da educação através do diálogo e dando voz aos saberes vivenciados e experienciados pelas crianças que tiveram a oportunidade de participar das atividades, em um exercício problematizador do sofrimento reconhecido, desnaturalizando os mecanismos de opressão, violência, discriminação e violação de direitos das meninas. Poder olhar para a situação problema, reconhecer sua construção social e que não é uma questão nas próprias meninas, levando uma culpa e auto responsabilização por vivenciarem tais situações, identificar as formas de denúncia, de socorro, reconhecer as violências vivenciadas e banalizadas no cotidiano, são ferramentas de transformação da vida de cada menina, podendo ser multiplicada para seu entorno e, ainda que seja restrito, ir plantando a semente do respeito, da dignidade e da emancipação.

Por fim, para mim, esta atividade de confeccionar um mapa corporal junto com meninas que muitas vezes foram silenciadas perante a sociedade, ofereceu a oportunidade de aprender na prática como a educação popular em saúde, como as atividades humanas e como a interseccionalidade se fazem presentes nos cotidianos e nas práticas terapêuticas ocupacionais e como estas podem e devem ser utilizadas para a promoção de saúde mental, representatividade e garantia de direitos..

Práticas de Pesquisa

Paralelo às atividades de extensão desenvolvidas foi iniciada uma pesquisa de iniciação científica que tinha como objetivo promover saúde mental com um grupo de crianças, a partir da problematização em torno das vivências cotidianas racistas na intersecção com os marcadores raça e geração, além de trabalhar a valorização de saberes e práticas que produzam cotidianos antirracistas. A metodologia escolhida para a realização da pesquisa foi a de uma pesquisa participante, onde segundo Brandão e Borges (2007), a mesma, parte da compreensão de que todas as pessoas envolvidas são fontes originais de saber e produtoras de conhecimento.

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). As famílias e as crianças preencheram os seguintes termos: Termo de Assentimento e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto também contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

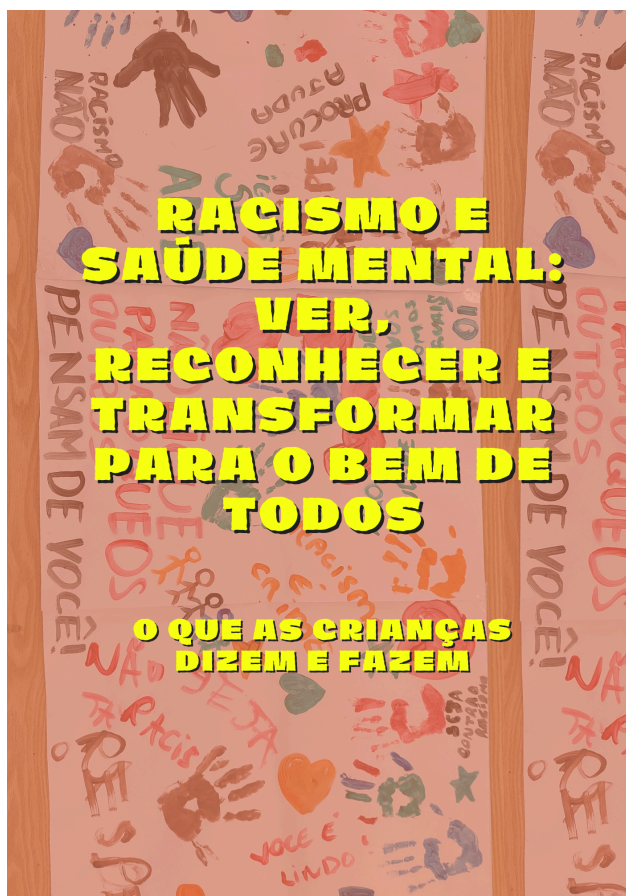
A identificação das crianças participantes foi realizada junto aos coordenadores de um projeto social que ocorre em uma região periférica de uma cidade do interior de São Paulo. Foram convidadas cerca de 20 crianças para participarem da pesquisa, dessas 20 conseguimos autorização e disponibilidade de 8 crianças, sendo 6 meninas e 2 meninos. Para o cumprimento dos objetivos da pesquisa, bem como realizar a coleta de dados, foram realizados encontros com as crianças, conforme a disponibilidade dos responsáveis, esses encontros que eram gravados e posteriormente transcritos para análises.

Nos encontros as crianças eram levadas através do diálogo a discutir e refletir sobre assuntos que tinham pertinência para a pesquisa, a partir desse diálogo iniciado, as crianças foram trazendo seus conhecimentos, experiências e vivências sobre o que é o racismo, onde ele ocorre e como podemos enfrentá-lo. Conforme os encontros ocorriam e o diálogo caminhava foram trazidos também aspectos de valorização da cultura negra e de autocuidado.

Com as crianças sendo parte fundamental e ativa na construção da pesquisa, foi proposto para elas que fizessem um produto que pudesse ensinar para as outras pessoas tudo que estávamos discutindo e aprendendo juntos, com isso foi levantada a ideia de confeccionar um livro digital, explicando o que é o racismo, onde ele ocorre e formas de enfrentá-lo, tudo baseado no que as crianças diziam, o livro foi ganhando forma e foi

intitulado de “Racismo e saúde mental: ver, reconhecer e transformar para o bem de todos. O que as crianças dizem e fazem”.

Imagem 04: Capa do livro



Fonte: Acervo pessoal da pesquisa (Souza, 2024)

A pesquisa participante com crianças entende que elas possuem critérios e valores próprios de pensar, sentir, dizer, fazer, que são aprendidos e reproduzidos em um quadro de relações sociais e contextos educativos, nesse sentido pensamos que a criança tem muitas formas de “falar” e com isso mente em uma pesquisa a criança deve ser compreendida como o sujeito principal, que dará informações aos investigadores (Barbosa, Martins, 2010).

Partindo desse ponto, durante a execução do projeto, as crianças foram parte ativa de toda a construção da pesquisa, trazendo ideias, contando vivências e experiências que tiveram relacionadas ao tema e participando ativamente do projeto, foi extremamente importante ouvir, descobrir e entender o que as crianças pensam e sabem de um assunto tão delicado. Nos encontros elas puderam compreender o racismo como um tipo de preconceito/crime, levantaram como práticas antirracistas: o respeito, a conscientização, o amor próprio, a

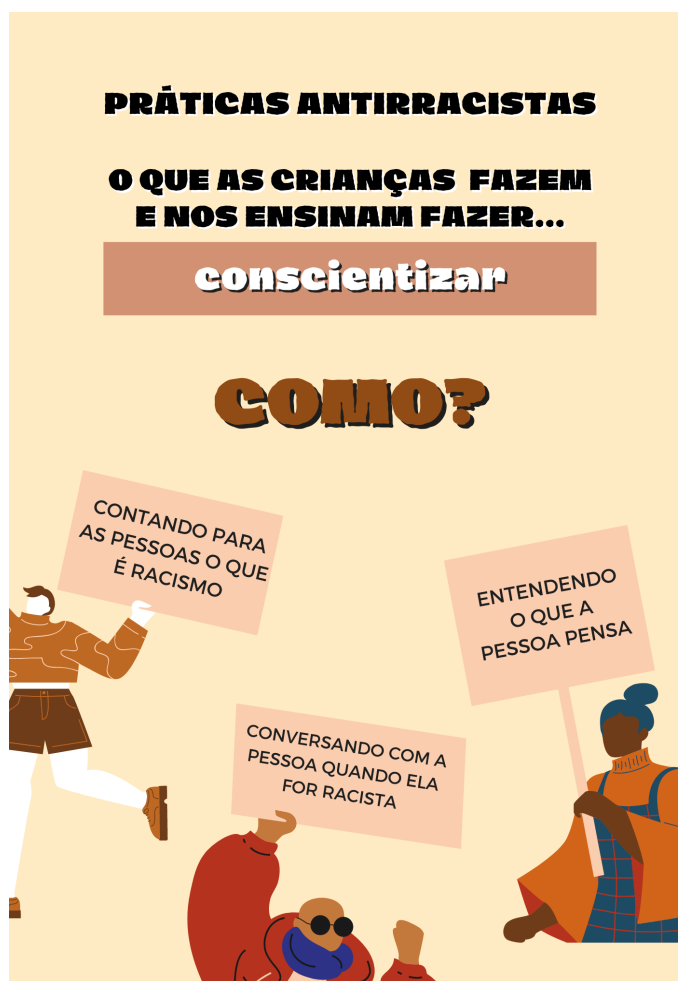
valorização da cultura negra, a busca por ajuda e a escuta, demonstraram preocupação em contar para outras pessoas o que é o racismo e como enfrentá-lo.

Imagem 05: Página 10 do livro.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisa (Souza, 2024)

Imagem 06: Página 16 do livro



Fonte: Acervo pessoal da pesquisa (Souza, 2024)

Percebemos que problematizar e entender marcadores sociais com as crianças é de extrema importância para se promover a saúde mental infantojuvenil desenvolvendo a percepção de como esses marcadores se fazem presente em seus cotidianos e como este o afeta nos ambientes em que ela se faz presente, a partir disso podemos proporcionar estratégias de enfrentamento e valorização que o auxiliem ou que permitam auxiliar outros.

Foi notável também o quanto a pesquisa se tornou transformadora no ato da sua construção, onde pela metodologia de pesquisa participante foi permitido construir junto com as crianças saberes e formas de cuidado a partir do diálogo e junção de conhecimentos e saberes.

Imagem 07: Página 17 do livro



Fonte: Acervo pessoal da pesquisa (Souza, 2024)

A Terapia Ocupacional busca promover a saúde mental pensando no sujeito em sua totalidade, portanto, tomar consciência e trabalhar marcadores sociais a partir da vida cotidiana e em diferentes contextos pode contribuir para se pensar em estratégias e abordagens de atuação.

Tratar de um assunto tão delicado como o racismo e suas nuances com crianças a princípio pode parecer desafiador mas utilizando-se da educação popular em saúde, onde há a partilha de saberes sem a hierarquização do conhecimento e da Terapia Ocupacional como meio de viabilizar através da sua atuação profissional intervenções/oficinas com base nesse constructo, isso se torna possível. Essa pesquisa mostra justamente isso, a construção da

educação antirracista sendo feita através do diálogo, partilha e da oportunidade das crianças se tornarem protagonistas com aquilo que elas sabem e vivem.

5. FINALIZANDO A EXPERIÊNCIA PARA OUTROS COMEÇOS QUE SE INICIAM: COMO ESSAS EXPERIÊNCIAS REVERBERARAM NO EU TERAPEUTA OCUPACIONAL

Ao iniciar minha trajetória na graduação de Terapia Ocupacional sempre tive como foco a atuação clínica, por esta ser amplamente difundida, porém, ao ser apresentada aos mais variados campos de atuação dentro da Terapia Ocupacional, tive a oportunidade de expandir meus horizontes.

No Território do cuidar tive a oportunidade de me aproximar das práticas de cuidado baseadas na educação popular em saúde, e vivenciar essas práticas me trouxe uma vivência diferenciada como futuro profissional de Terapia Ocupacional. A educação popular em saúde foi uma potencializadora, através dela pude entender a importância das nossas práticas serem pautadas não só no nosso conhecimento teórico-prático mas também nos conhecimentos, vivências, experiências e saberes que os grupos com quem atuamos podem nos trazer, esse saber coletivo e compartilhado se torna uma importante ferramenta de transformação social e de promoção de saúde.

Indo mais a fundo durante essas práticas, acabei entrando em contato com o conceito de interseccionalidade, conceito esse que entende que os marcadores sociais caminham de forma interconectada e afetam diretamente os sujeitos que o carregam. Na Terapia Ocupacional sempre ouvimos a importância de enxergar o sujeito como um ser total, olhando para todas as esferas da vida e do cotidiano do mesmo, apesar disso pouco se fala da maneira como essas esferas se cruzam e entrecruzam no viver e em como podemos nos utilizar delas para potencializar as nossas práticas de cuidado e pesquisa.

Nas práticas de cuidado pude experimentar a potência das atividades humanas, do diálogo e do fazer coletivo, onde, foi construído coletivamente discussões e ferramentas que permitiram para as crianças e adolescente envolvidas terem voz e cuidarem de si e do outro.

Trazendo para um aspecto mais pessoal, a Terapia Ocupacional e as práticas aqui citadas me permitiram um contato maior com as relações étnico-raciais e com a educação antirracista. Na graduação me reconheci como uma mulher negra e ter a oportunidade de trabalhar esse tipo de assunto com crianças foi um abraço para o meu eu da infância, que não teve a oportunidade de ter um contato com esse tipo de discussão, proporcionar para as

crianças a oportunidade de elas crescerem com consciência racial e social é uma das maiores realizações para o meu eu futuro profissional de Terapia Ocupacional, que agora tem a sensibilidade para tratar desses temas promovendo, saúde, cuidado, auto estima, afeto, educação e emancipação.

Para finalizar enfatizo a importância do contato com as práticas de cuidado e pesquisa durante a graduação, através dessas é possível fazer relações teórico-práticas importantes para o desenvolvimento profissional e pessoal é a oportunidade de entrar em contato com conceitos poucos falados e estudados e o melhor de tudo ver eles sendo colocado em prática, as experiências adquiridas em campo nos levam a reflexões profissionais profundas e nos ajudam a entender a nossa atuação profissional, as nossa relação com o mundo e com as pessoas.

Bondia (2002), diz que a experiência é tudo aquilo que nos atravessa e nos toca. Vivenciar e experimentar essas práticas de cuidado onde os sujeitos presentes eram os protagonistas das suas próprias histórias e eles próprios se tornavam agentes de cuidado de si e dos outros através das atividades e reflexões que proporcionamos é de uma experiência e aprendizado imenso como Terapeuta Ocupacional, pois isso nos permite entender a complexidade humana, nos desprendendo apenas do acadêmico, do informativo e nos ligando a aspectos mais subjetivos e complexos que podem enriquecer as práticas profissionais do Terapeuta Ocupacional.

6. REFERÊNCIAS

Almeida, L. S. (2018). *O que é racismo estrutural?*. Editora Letramento.

Ambrosio, L. Silva, C. (2022) “Interseccionalidade: um conceito amefricano e diaspórico para a terapia ocupacional”. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30.

Ambrosio, L., & Silva, C. R. (2021). Interseccionalidade: reflexões sobre as opressões de raça, classe, gênero e sexualidade a partir da perspectiva crítica decolonial em Terapia Ocupacional. In M. C. Alves & A. C. Alves (Orgs.), *Redes Intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas* (pp. 135-152). Porto Alegre: Rede UNIDA.

Ambrosio, L. (2020). *Raça, gênero e sexualidade: uma perspectiva da Terapia Ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos

Balanta-Cobo, P., Fransen-Jaïbi, H., Gonzalez, M., Henny, E., Malfitano, A. P. S., & Pollard, N. (2022). Direitos humanos e sociais e Terapia Ocupacional: a necessidade de uma perspectiva pela interseccionalidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*.

Benetton, M. J. *A Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de saúde mental*. 1994. 190 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental)-Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, Campinas, 1994.

Benetton, M. J. *Atividades: tudo o que você quis saber e ninguém respondeu*. *Revista CETO*, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 26-29, 2008.

Bondía, L. J. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, Nº 19, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Caderno de educação popular e saúde /*

Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

Cardinalli, I., Silva, C. R., Cardoso, P. T., Quarentei, M. S., & Freitas, H. (2018). Atividades humanas: fazer pensar Terapia Ocupacional. In Anais do XVI Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional. São Paulo: UNIFESP.

Collins P.H, Bilge S. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo Editorial; 2021.

Costa M. C., Santos A. C., Souza J.V., Costa J.C., Porto, R.M. & Freire S.R. (2020) Laboratório ISÉ: construções de estratégias para restituição histórica e existencial de pessoas negras. Rev. Interint. Bras. Terap. Ocup., 4(5), 734-741.

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine. University of Chicago Legal Forum, 1989(8), 139-167.

FERNANDES, A.D.S.A. Cuidado em saúde mental infantojuvenil na atenção básica à saúde: práticas, desafios e perspectivas (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, UFSCar, São Carlos, SP, Brasil. 2019.

Furtado, E. A. (1991). Percepções acerca da Terapia Ocupacional. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, 2(1), 34-38.

Galheigo, S. M. Terapia Ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 5–25, 2020.

Galheigo, S. M. (1988). Terapia Ocupacional: a produção do conhecimento e o cotidiano da prática sob o poder disciplinar: em busca de um depoimento coletivo (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Recuperado em 5 de outubro de 2020, de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000018051>

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social

(IPVS). 2010. Disponível em: <http://ipvs.seade.gov.br/view/index.php>.

Grandón, D. E. (2017). Terapia Ocupacional, discapacidad y género: la interseccionalidad como apertura hacia reflexiones pendientes. *Revista Ocupación Humana*, 17(2), 34-45

Hill Collins, P. (1990). *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. New York: Routledge.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro, 2012.

LUZ, A.T. Entrelaços do “Território do cuidar” na experiência de uma residente de medicina de família e comunidade. Trabalho de conclusão de Residência de Medicina da Família e Comunidade, Universidade Federal de São Carlos, 2024.

Medeiros, M. H. R. M. (2003). *Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social* São Carlos: EdUFSCar.

Medeiros, M. H. R. (2010). *Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social*. São Carlos: EdUFSCar.

MINATEL, M. M.; Morato, G.G; NORDI, A. B. A.; REIS, E.G.B; Cid, M.F.B; PEREIRA, A.S.; LAMBAIS, G.; Speranza, M.; FERNANDES, A.D.S.A.; Campos, A.C.C Território do Cuidar: cuidar de si, do outro e do mundo In: 8º Congresso Brasileiro de Saúde Mental, 2022, São Paulo. 8º Congresso Brasileiro de Saúde Mental, 2024, São Paulo. Democracia, antropofagias e potências da luta antimanicomial. , 2022.

Moreira, Agostini (2017). “Quando fazer pesquisa com crianças significa negociar com adultos: bastidores de uma pesquisa com crianças de seis anos em escolas”. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(10):3753-3762, 2019.

Pelosi. B. M. , Ferreira. G. K. , Nascimento. S. J. (2020). Atividades terapêuticas ocupacionais desenvolvidas com crianças e pré-adolescentes com síndrome de Down. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*.

Pereira, A. S., Allegretti, M., & Magalhães, L. (2022). “We, quilombola women, know each other’s pain”: an investigation on sisterhood and occupation. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e 3318.

Souza, A. A. P. Minatel, M. M.; “O QUE DIZEM E FAZEM AS CRIANÇAS EM SEUS COTIDIANOS: PROBLEMATIZANDO E CONSTRUINDO CULTURAS ANTIRRACISTAS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL”. Relatório Final de Iniciação Científica produzido para a FAPESP. 2023.

Souza, A. A. P. Minatel, M. M. “ Racismo e saúde mental: ver, reconhecer e transformar para o bem de todos. O que as crianças dizem e fazem”. Livro produzido como produto de Iniciação Científica financiado pela FAPESP. 2023.

Quarentei, M. S. (1999). Criando lugar(es) para acolher a falta de lugar. *Interface*, 3(5), 195-202.

Quarentei, M. S. (2001). Terapia Ocupacional e produção de vida. In *Anais do 7º Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional* (pp. 1-3). Porto Alegre: ABRATO.

Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares. Instituto de Ciências da Vida. Departamento de Nutrição. “INSTRUTIVO PARA ELABORAÇÃO DE RELATO DE EXPERIÊNCIA”. 2017.

World Federation of Occupational Therapists (2012), WFOT Definition of Occupational Therapy. Disponível em: www.wfot.org

World Federation of Occupational Therapists. “Definitions of occupational therapy”. <https://wfot.org/resources/definitions-of-occupational-therapy-from-member-organisations>